



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

PROTAGONISMO INDÍGENA NA GUERRA DO PARAGUAI/GUERRA GUASU EM TERRITÓRIO DO ANTIGO MATO GROSSO

INDIGENOUS PROTAGONISM IN THE PARAGUAYAN WAR/GUASU WAR IN THE TERRITORY OF THE FORMER MATO GROSSO

Raquel Tôrres de Souza¹

Ana Paula Squinelo²

RESUMO

A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, foi um conflito bélico ocorrido entre os anos de 1864 a 1870, aconteceu na América Latina. Dessa maneira, o conflito envolveu muitos/as sujeitos/as. Entretanto, poucas narrativas contemplam a participação dos indígenas e o silenciamento sobre esses povos no contexto da guerra, tendo em vista que tais grupos sociais se tornam muito importante na compreensão da história. Sendo assim, este artigo objetiva demonstrar a participação indígena nesse conflito e compreender suas atuações em solo do antigo Mato Grosso. Parto da hipótese de que há um silenciamento, apagamento e subalternização dos indígenas e para a escrita dessa reflexão, realizou-se levantamento bibliográfico pertinente a temática da Guerra do Paraguai e analisou-se os registros de atuação dos indígenas no conflito. O resultado desta pesquisa demonstrou que apesar das discussões, o silenciamento da questão indígena, mesmo com fontes comprovando a participação na guerra, ainda predomina.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai. Indígenas. Silenciamento.

ABSTRACT

The Paraguayan War/Guasú War was a military conflict that occurred between 1864 and 1870 in Latin America. As such, the conflict involved many subjects. However, few narratives contemplate the participation of indigenous people and the silencing of these people in the context of the war, given that such social groups become very important in understanding history. Therefore, this article aims to demonstrate indigenous

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. PPGCult/UFMS/CPAQ, Licenciada em História (UFMS/CPAQ), Membro do Grupo de Pesquisa “Historiografia e Ensino de História: diálogos em trânsito(HEH/UFMS/CNPq), e-mail: raquel.torres@ufms.br

² Professora Titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Brasil) e nos Programas de Mestrado: Profissional em Ensino de História (UFMT) e Interdisciplinar em Estudos Culturais (UFMS). Líder do Grupo de Pesquisa Historiografia e Ensino de História: Diálogos em Trânsito HEH/UFMS/CNPq, e-mail: ana.squinelo@yahoo.com.br



participation in this conflict and understand their actions on the soil of the former Mato Grosso. I start from the hypothesis that there is a silencing, erasure and subordination of indigenous people and, in order to write this reflection, a bibliographical survey was carried out on the theme of the Paraguayan War and the records of indigenous people's actions in the conflict were analyzed. The result of this research demonstrated that despite the discussions, the silencing of the indigenous issue, even with sources proving their participation in the war, still predominates. Keywords: Paraguayan War. Indigenous people. Silencing

Keywords: Paraguayan War. Indigenous. Silence.

1. INTRODUÇÃO

A Grande Guerra³ ocorreu entre os anos de 1864 a 1870 envolvendo países como Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Historiadores/as e cientistas sociais afirmam que a motivação do conflito se estabeleceu por algumas rivalidades entre países platinos ainda no período colonial, questões como discórdia relativas aos litígios territoriais, disputa pela navegação fluvial da prata. De acordo com Esselin e Oliveira (2024) os povos originários que se estabeleciam em Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), em especial na órbita do Pantanal, foi fortemente atacado durante os confrontos de guerra, permanecendo, até hoje, memórias avivadas dos traumas na sociedade indígenas.

O conflito por ser longo causou impacto populacional, a guerra não foi apenas marcada por exércitos militares, mas também por diferentes sujeitos/as ocultados/as por uma história que privilegia os grandes heróis, por norma homens brancos, descendência europeia e de patente militar alta. De acordo com Beatriz Sarlo (2005), os “sujeitos que teriam sido legitimamente marginalizados⁴” a partir de uma narração do passado, demanda novos métodos sobre o “discurso de memória”. A partir dessa perspectiva, os diários, as cartas, documentos, romances, etc., são fontes importantes para manter as histórias e lembranças vivas. Essas narrativas sobre participação indígena no conflito bélico são intensas em suas memórias, haja vista que são grupos subalternizados, silenciados e esquecidos, nos quais não obtiveram seus méritos e reconhecimento merecidos. Esse silenciamento e apagamento se deve, principalmente, por ser a história contada pelo “outro”.

A presente pesquisa justifica-se pelo fato que os indígenas lutaram ativamente durante

³ O conflito no Brasil é conhecido como Guerra do Paraguai, na Argentina e no Uruguai são denominados Guerra da Tríplice Aliança, e no Paraguai emprega-se os termos Guerra Guasu, Guerra Grande Guerra e Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. (DOCKHORN, 2021). Utilizo nessa pesquisa, os termos Guerra do Paraguai, Guerra Guasu e Grande Guerra como sinônimos.

⁴ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado, Cultura da memória e Guinada subjetiva*. Companhia das Letras, 2005, p.1



a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, porém existe uma ausência de informações sobre os mesmos em artigos, narrativas didáticas, etc. Segundo Spivak (2014) “não podemos falar pelo subalterno”, mas sim abrir espaço para esses grupos silenciados. Dessa forma, o foco é realizar uma análise sobre o tema e “trabalhar contra a subalternização⁵”.

Os objetivos da pesquisa se constituem em demonstrar a participação indígena na Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, compreender suas atuações em solo-sul-mato-grossense, e analisar o silenciamento sobre esses povos no contexto da guerra.

De acordo com Adichie, (2009) a história única causa estereótipos surgindo-se uma imagem preconceituosa de tais indivíduos, a falsa informação ou investigação incompleta causa aos leitores o enganoso conhecimento que aquela averiguação é verdadeira. Sobretudo, ao deparar com narrativas diferentes poderá expor um olhar crítico, obtendo uma visão de mundo.

Dessa forma, não se pode negar e nem silenciar a participação indígena no contexto da guerra, deve-se criar estratégias para relembrar seu passado. GAGNEBIN (2006) enfatiza sobre os conceitos de lembrar encontrando-se recursos para combater o esquecimento em favor das memórias dos vivos, “há de ser transmitido porque não pode ser esquecido⁶”, no entanto, a realização da investigação da presente pesquisa corrobora para dar continuidade as sua identidade e história.

Mbembe (2018) em sua obra Necropolítica faz referência sobre o poder de impor quem deve morrer e viver, dessa forma o estado pauta uma política de letalidade contra as minorias, levando em considerações as questões indígenas, o apagamento de suas abordagens na guerra poderá levar o extermínio das práticas exercidas por eles.

2. DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS DA PARTICIPAÇÃO DOS INDÍGENAS NA GUERRA DO PARAGUAI

A Guerra do Paraguai ocorrida no século XIX não foi marcada somente pela atuação do Exército Imperial. A participação dos povos indígenas também foi considerável e, sobretudo, ativa. Indígenas do antigo Mato Grosso foram convocados pelo governo que recrutou reforço desses povos para lutarem contra o Paraguai, no qual foram alocados na Guarda Nacional. O papel de protagonista desempenhado por eles no conflito tinha por intuito

⁵ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. P. 16 e 17

⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2018. (pp. 7)



a proteção do próprio território em que viviam. Muitos indígenas foram lançados ao conflito sem, na maioria das vezes, conhecimento de táticas e organização militares, para lutarem contra os paraguaios em prol da “pátria”.

Squinele e Dockhorn (2021) trazem uma importante contribuição para essa abordagem do tema ao tratar a presença dos sujeitos que são pouco abordadas e exploradas pelas historiografias oficiais, tendo em vista que o conflito platino:

atingiu mulheres e crianças, envolveu homens escravizados e homens pobres, negros e pardos na grande maioria. São sujeitos revelados, que por muito tempo foram ocultados, silenciados e invisibilizados por uma história que privilegiou os acontecimentos monumentais e os grandes nomes. (SQUINELO e DOCKHORN, 2021, p.101)

Dessa maneira proporciona significativos avanços de novos sujeitos e sujeitas de pesquisa sendo visibilizados ganhando espaço no cenário. Squinele (2021) demonstra a participação indígena a partir da ocupação paraguaia no cenário da antiga Província de Mato Grosso. Para defender suas terras os autóctones uniram-se as tropas imperiais, prestaram diversos serviços: “abriam trilhas e picadas; orientavam os soldados na região, pois conheciam as matas, rios, serras, acidentes geográficos etc.”⁷

A participação dos indígenas no contexto da Guerra do Paraguai a partir de autores/as que resgatam essa contribuição tem em vista trazer uma discussão mais contemporânea em torno dos invisibilizados na guerra. Vale destacar alguns trabalhos mais recentes realizados por pesquisadores/as tais como: Castilho e Garcia (2017).

Segundo Castilho e Garcia, (2017) em A Guerra do Paraguai e a usurpação dos territórios indígenas, menciona os indígenas Guaná, Kinikináu, e Laiana incorporaram na Guarda Nacional, reforçando o exército brasileiro garantindo e protegendo território nacional.

[...] Índios Guaná incorporados à Guarda Nacional, a maior parte deles era dos Terena, que perfaziam 216 índios, os Kinikináu, 39, enquanto os Laiana eram 20, totalizando 275 homens, que se mostravam dispostos e se ofereciam prontamente, servindo com dedicação. (CASTILHO; GARCIA, c2022 p. 2)

Esses autores enfatizam que a participação dos indígenas no conflito vai além de proteger suas terras de ataques paraguaios e assegurar posses de aldeias, como também resolver alguns problemas existentes como ameaças de fazendeiros devido aos abatimentos de

⁷ SQUINELO, Ana Paula, 150 ANOS DEPOIS: narrativas históricas de jovens estudantes brasileiros/as sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu a partir das aulas de História, *Clio* (Recife. Online), p. 154 Jul-Dez, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2021.39.2.2>.



bovinos que o indígena usava para alimentação. A anexação na Guarda Nacional foi uma escolha dos próprios indígenas que tinha por finalidade uma solução de todos esses problemas conflituosos existentes.

A serra de Maracaju foi uma região onde todas as populações procuraram como abrigo, e os indígenas contribuíram para a sobrevivência de todos os/as refugiados/as que passaram a viver no local. Os Terena foram responsáveis pela caça, pesca, aprisionamento de bois, coletas de frutas e todos os tipos de abastecimento de mantimento para os soldados.

Percebe-se, então, que os indígenas, principalmente os terena, deram apoio para os destacamentos do exército brasileiro em momentos de dificuldade como a fome. Nesse sentido, destaca-se a importância da participação dos terena para as tropas imperiais, pois eram conhecedores da região. Destaca-se também que os Terena sofreram grandes adversidades, relacionadas as questões da oscilação climática, das epidemias, das fumaças em função do fogo ateadado pelos paraguaios, constituíram-se em elementos que os indígenas tiveram que passar.

De acordo com Esselin e Vargas (2015), após a ocupação do antigo Mato Grosso pelo Paraguai, os indígenas tiveram que abandonar suas aldeias, fugiram dos ataques inimigos, para defender seus territórios, e se juntaram à população não-indígena, a partir de então os mesmos se colocam como protagonistas no conflito tornando-se responsáveis por exercerem nos campos de batalha o fornecimento e abastecimento de mantimento aos soldados, atuaram como tradutores e guias, cooperando pelos espaços geográficos devidos conhecimento dos territórios como as matas, serras, rios e relevos, favorecendo as travessias dos soldados pelas matas, abrindo trilhas e auxiliando como informante permitindo que as autoridades monitorassem as tropas paraguaias.

Os indígenas da etnia Terena, por serem os maiores produtores e agricultores, mantinham a alimentação dos combatentes. Em virtudes dessas informações é possível observar as várias ações e atitudes dos indígenas em defesa do território brasileiro, os exércitos imperiais tiveram grandes contribuições desses autóctones. Assim sendo, sem esses auxílios dos indígenas as tropas não conseguiriam se deslocar de um ponto a outro na antiga província de Mato Grosso. Embora a presença ativamente dos indígenas no episódio da guerra, tiveram alguns grupos como os Guató e Guaná que foram os mais afetados pelas doenças como a varíola e a cólera, tendo sofrido graves consequências dessas epidemias, fatores mortais que acentuou a redução da população desses grupos.

De acordo com Silva (2018), o Guaicuru, ancestrais do Kadiwéu, ofereceram ao exército brasileiro, homens, cavalos e reses. Nesse sentido, mesmo com forte vínculo com o



conflito bélico, o que averiguamos é uma significativa invisibilidade historiográfica dos indígenas nesse cenário. Porém, as novas pesquisas e enfoques que buscam mencionar a participação desses sujeitos no conflito, no qual contribuem para ampliação da participação dos mesmos, são ignorados ou pouco lembrados no contexto historiográfico tradicional. Essas narrativas estão vivas nas memórias indígenas, são grupos marginalizados, subalternizados, silenciados e esquecidos, nos quais não obtiveram seus méritos e reconhecimento merecidos.

Rosely Batista Almeida (2005) mostra uma presença ativa de indígenas na guerra contra o Paraguai. Sua pesquisa apresentou as diferentes etnias indígenas que participaram da Guerra do Paraguai. Os Guaicuru foram aliados do exército imperial no período na guerra, e esteve presente nos destacamentos do mesmo durante a invasão ao território paraguaio. Os Guaicuru eram chamados pelos paraguaios de Mbyá.

Os indígenas por terem uma participação constante na defesa da antiga província de Mato Grosso, os Guaná e Kadiweu lutaram com objetivo de impedir que suas terras ficassem sob domínio paraguaio. Os Terena e Guaicuru auxiliaram em capturar cavalos dos inimigos. Almeida (2005) comenta algumas das funções que os indígenas atuaram principalmente em passar informações a respeito dos paraguaios:

Os índios também foram auxiliares na função de informantes para as autoridades brasileiras sobre as atividades e acontecimentos relativos aos vizinhos paraguaios e bolivianos, na disputa pela demarcação de fronteiras. Também aparecem embrenhados no corpo do Exército brasileiro. O Exército adentrava em suas vidas, nos aldeamentos, distribuindo patentes através da Diretoria Geral dos Índios (ALMEIDA, 2005, p. 6)

Os indígenas por conhecer a região procedia em repassar informações e também fornecia moradia e passagem para os não indígenas, as realizações de trabalho indígena como a de remo eram constantes, essa atividade vinculava aos transportes de cargas comerciais ou de pessoas. Os indígenas Guaná exerceram um importante papel em destaque como divulgação de informação existente sobre a guerra, a partir deles a comunicação era rápida e intensa em épocas sem recursos para o mesmo.

Os Terena e Laiana, durante o conflito, foram expulsos de suas palhoças, e procuraram refúgios em matas por conta da ocupação paraguaia. Contudo, esses indígenas dedicaram as lavouras para a sobrevivência de todos, desde então passou a fornecer alimentos para os soldados brasileiros. A Guerra foi um marco para a vida desses povos, no qual participaram do conflito contra o exército paraguaio e de todos os sofrimentos durante a embate bélico.

Segundo Almeida (2005) a etnia Guató considerada nômade na região de Mato Grosso



lutou ao lado dos paraguaios, esses povos eram reunidos em pequenos grupos, viviam isolados, habitavam nas margens dos rios Paraguai e São Lourenço. Sobretudo, a partir da intensa participação dos povos indígenas na Guerra do Paraguai, foram expostos à violência física, humilhação, vista que muitos foram presos para servir a força imperial. O conflito fez com que abandonassem suas terras e procurassem abrigos em outros lugares. As consequências em torno desses povos causam ainda marcas profundas na cultura e memórias desses grupos, são questões que não podem ser silenciadas.

Adriana Vargas Marques (2024) em um Exército invisível: a participação de indígenas na guerra contra o Paraguai analisa os indígenas em um envolvimento direto e indireto destacando para as etnias Guaicuru uma participação mais efetiva e direta de indígenas das etnias Guató, Guaná, Terena, Coroado e os Chamacoco. Em vistas dessas etnias, a autora enfatiza para alguns documentos que informa a participação dos Guaicuru na Guerra, porém, não especifica a etnia que se refere. A autora indaga algumas críticas aos não registros dos indígenas em documentos, enfatizando como respostas a uma forma de prevenir pensões, pagamento ou indenização, ou quaisquer tipos de gratificação por atuarem na Guerra do Paraguai. Dessa maneira, a participação indígena acarreta um verdadeiro exército invisível.

De acordo com Vera Lucia Vargas em Os Índios Terena e a Guerra contra o Paraguai (1864-1870) a participação ativa dos indígenas no conflito no contexto na defesa do território e com os interesses governamentais, tinha como expectativa garantir os direitos, bem como a posse de terra. Vargas ressalta que os Terena passaram a exigir do governo brasileiro a posse de seus antigos territórios, de um lado encontravam os fazendeiros reivindicando as terras e os Terena de outro exigindo a legalização do território, dessa forma existiu por parte do governo uma certa preocupação em recomençar o processo político de aldeamento. Com as demandas exigidas pelos indígenas Kadiwéu acarretou o recebimento de 70 mil hectares de terras em Nabileque/Bodoquena, recebida pelo governo do Mato Grosso.

Nessa perspectiva, os Terena passaram a pressionar as autoridades para demarcar suas terras. O presidente da antiga província passou a agradar os Terena dando como retribuição fardamentos e ferramentas como símbolo e recompensa por lutarem na Guerra do Paraguai, esse ato adotado pelo governo fez com que os indígenas se sentissem privilegiados.

Os Terena em sua maioria concentram-se perto do rio Aquidauana e Miranda em razão da guerra, cujo território tradicional, eram terras pequenas que não dava para se viver:

Era a situação dos índios Terena que reivindicaram as terras que, eram ocupadas por eles, antes da guerra, assim como aquelas onde eles se estabeleceram durante e após essa mesma guerra, os quais são: as aldeias de Buriti, atualmente em Sidrolândia e Dois irmãos do Buriti; Brejão, na região de Nioaque e Limão Verde na região de Aquidauana. (VARGAS, 2005, p. 8)



Somente no século XX com movimentos e ações dos Terena, a aldeia Cachoeirinha teve a legalização como uma reserva dos indígenas, só muito tempo depois que as outras aldeias tiveram suas terras legalizadas.

Com o fim do conflito bélico os indígenas voltaram às suas antigas aldeias, porém, encontraram todas invadidas por fazendeiros. O término da guerra representou para esses povos originários perdas de seus territórios, a destruição sistemática de suas aldeias e, a mortalidade em função das doenças. Com suas terras invadidas assumiram a condição de trabalho como agricultores e vaqueiros em fazendas que eram seus territórios. As lutas durante a guerra tinham por objetivo defender suas áreas e garantir a posse das mesmas, infelizmente seus direitos não foram assegurados pela elite e pelo governo brasileiro.

A migração se tornou frequente devido às graves consequências que a guerra os deixou, a impossibilidade de aproveitamento no âmbito de desfrutar das terras e de sobreviver delas devido às perdas de suas propriedades e o cercamento de fazendas tornou suas terras insuficiente para abrigar suas famílias, a partir disso esses povos são obrigados a encontrar solução como a busca de trabalho longe das aldeias, vivenciando em áreas urbanas, contribuindo assim para a perda da língua materna, em função do convívio com a população urbana no qual se multiplicou em razão das necessidades impostas pelo cotidiano.

No pós-guerra surgiram reflexos que caracterizam profundamente de formas negativas os indígenas, algumas aldeias como as de Aquidauana e Miranda foram praticamente desaparecidas. Com o fim da guerra da Tríplice Aliança foi estabelecido aos indígenas a retornarem às aldeias com intuito de restabelecer e reconstruir seus antigos lares.

Tais fatos corroboraram para diversas atrocidades como a humilhação, desrespeito, violências físicas, inúmeras vidas perdidas. No entanto, a história desses povos é intencionalmente ocultada na historiografia e na memória nacional, tendo em vista que essas apenas prestigiam aqueles tidos como grandes nomes elencados no episódio. A presença dinâmica protagonizada pelos indígenas no combate não são registradas na história, pois a narrativa é estabelecida e escrita pelo vencedor. Nesse cenário, pesquisadores/as procuram reverter esse quadro e demonstrar a construção de uma identidade constituídos pelo protagonismo indígena na grande guerra.

Outro trabalho que destaco é o de Edson Silva (2015) intitulado A História contada pelos que voltaram: história e memórias indígenas no Nordeste sobre a Guerra do Paraguai, no qual o autor resgata uma história da participação indígena na guerra a partir da memória no âmbito da oralidade. Como o recrutamento do povo indígena, os diversos conflitos da posse de terra, através desse estudo são resgatadas essas questões com ênfase na região



Nordeste do Brasil e com destaque para as etnias Xukuru e Fulni-ô, do interior de Pernambuco, bem como os Kariri, Xukuru-Kariri de Alagoas.

Segundo Silva (2015) ao iniciar a Guerra do Paraguai e com o prolongamento do conflito dificultou os recrutamentos de novos soldados na Guarda Nacional. O Governo Imperial materializou o programa chamado “Voluntários da Pátria”, onde, a partir das batalhas ofensivas e a redução dos alistamentos militares, foi empregado o recrutamento forçado, atingindo os indígenas das Regiões Centro-Oeste e nordeste.

As memórias do povo Xukuru são lembrados pelos 30 indígenas “voluntários” que lutaram na batalha de Tuiuti, no qual faleceram 12. Os Xukuru relatam que seus antepassados ao voltar da guerra trouxeram medalhas, espadas, roupas militares, “título de terra” e toda forma de prêmio como símbolo da batalha.

Os Fulni-ô relataram que cinquenta indígenas foram lutar na guerra, porém todos foram mortos no combate. O recrutamento era, evidentemente, forçado:

Sobre o recrutamento, Elpídio em sua narrativa confirmou o que aparece na documentação escrita: “Os índios daqui eles foram a pulso! Eles foram a pulso paraessa tal da GP. Quem não queria ir, foi um puxão! Eles foram na marra! Pegaram a pulso. E foi uma poção de gente dessa cidade também, foi pobre e 50 rico”. O entrevistado relatou o que ouviu sobre um momento do recrutamento na Aldeia Panema (Águas Belas/PE). (SILVA, 2015, p. 1052–1053)

Os indígenas Wassú foram recrutados para milícia pública, trabalhando em obras públicas como aberturas de canais, aterros, obras de saneamento. Com as precariedades provou mortes e fugas dos xucuru-kariri. A partir dessas memórias sobre a participação de seus antepassados tem muito significado, pois a partir de uma identidade reconstrói uma afirmação a respeito dos direitos pertencentes aos povos indígenas.

Esses estudos acadêmicos demonstram o processo de recrutamento e engajamento dos indígenas na Guerra do Paraguai, lutando para proteger suas terras no qual habitavam, e ao término do conflito sofreram inúmeras consequências, suas terras foram reconhecidas somente tempos depois, e aldeias destruídas, cujas ações informações são silenciadas.

O processo de silenciamento dos povos originários nas narrativas constituídas sobre a Guerra nos demonstra a dinâmica desigual em relação a como esses povos indígenas são retratados, tendo em vista que existe uma classe dominante obtendo poder sobre a outra considerada “inferior”. Dessa forma pode-se citar o autor Orlando Patterson (2008) que indaga os seguintes aspectos:



Relações de desigualdades ou dominação, que existem sempre que uma pessoa tem mais poder do que a outra, estendem-se por um *continuum* que inclui desde aquelas de assimetria mínima até aquelas em que uma pessoa é capaz de exercer, impunemente, um poder total sobre a outra. Relações de poder diferem entre si não apenas em grau, mas também em tipo. (PATTERSON, 2008, p. 19)

Portanto, a dominação sobre os/as sujeitos/as predomina na questão indígena, dessa forma ganham-se visibilidades e espaços sociais as “elites”, nos livros didáticos no conteúdo Guerra do Paraguai apenas são mencionados os grandes combatentes do conflito conhecidos como “heróis” que são homens brancos de patente militar e o registro daquilo que é tido como seus feitos em campo de batalha.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências das documentações estudadas e analisadas pelos autores e autoras discutidos/as, comprovam o recrutamento dos indígenas na Grande Guerra no século XIX. Podemos salientar que os povos originários sofreram fortes impactos em seus territórios durante e pós-guerra. Com o recrutamento forçado tiveram que se submeter a várias atrocidades, enfrentando, por exemplo o vírus da varíola e do cólera, bem como confrontos de armas de fogo e em busca de assegurar suas terras tiveram que lutar desprovidos de conhecimento bélico em meio a um campo de batalha inóspito e insalubre.

Passando-se mais de 150 anos da Guerra do Paraguai, os traumas e os efeitos negativos continuam nas memórias desses povos que tiveram suas moradias e vidas completamente afetadas no sangrento conflito bélico. Esses eventos são rememorados por esses povos e materializados em estudos como: teses, dissertações, livros, documentários, artigos, coletâneas etc. Porém, até hoje, pouco é feito para recompensar a participação indígena na contenda. Bens materiais e imateriais foram perdidos no conflito histórico. Ressalta-se que mesmo em narrativas didáticas.

Por fim, advogamos que o protagonismo indígena na Guerra do Paraguai é digno de reconhecimento, prestígio e mérito. A atuação dos autóctones no conflito merece espaço na historiografia, no entanto, são histórias desconsideradas, silenciadas, ocultadas, subalternizadas, marginalizadas, enfim são obliteradas na história. Esse evento continua vivo em memórias, em rituais, são lembrados como identidade pelos indígenas, por isso a necessidade de continuar a investigar e a lutar para que esses sujeitos e sujeitas e suas vozes sejam escutadas.



4. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: companhia das Letras, 2009. Disponível em: Estudos Interdisciplinares entre Literatura, História e as Pedagogias do Corpo - Google Drive acesso: 13 de mai. 2024

ALMEIDA, Rosely. **A Guerra do Brasil com o Paraguai: A presença de grupos indígenas no conflito (1860-1870)**. Londrina, 2005. Disponível em: 1548206573_96e9b60f77444cbbd7b8b9eaf237cb51.pdf Acesso em: 28 de mai. 2024

AZEVEDO, Renan Ramires de.; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. **Análise semiótica do texto escultura “Cavaleiro Guaicuru”, Fólio** – Revista de Letras, v. 14, n. 1, 2022.

ESSELIN, Paulo Marcos; VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A participação dos indígenas da banda meridional da capitania de Mato Grosso na Guerra do Paraguai**. História: debates e tendências, v. 15, n. 2, p. 367-382, 2015. Disponível em: 5647-Texto do artigo-18463-4-10-20160114 Esselin Vera.pdf acesso em: 20 de mai. 2024.

ESSELIN, Paulo Marcos; OLIVEIRA, Jorge Eremites. **A Grande Guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870) : história, historiografia e memória**. Palmas 2024. Disponível em: 7b7a76_10e66efcabc54ed9a46c79718f33125f.pdf (wixlabs-pdf- dev.appspot.com) acesso em 3 de jun. 2024.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2018. Disponível em: GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado.pdf (usp.br) acesso em: 25 de mai. 2024.

GARCIA, Adilson de Campos Garcia; CASTILHO, Maria Augusta de. **A Guerra do Paraguai e a usurpação dos territórios indígenas**. Revista do Exército Brasileiro, v. 153, n. 3, p. 79-88, 2017. Disponível em: Vista do A Guerra do Paraguai e a usurpação dos territórios indígenas (eb.mil.br) Acesso em: 3 de jun. 2024.

MARQUES, Adriana Vargas. **Um exército invisível: a participação de indígenas na guerra contra o Paraguai**. Revista Urutágua-No, 2006. Disponível em 10marques (1).pdf Acesso em: 30 de mai. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018. Disponível em: Estudos Interdisciplinares entre Literatura, História e as Pedagogias do Corpo - Google Drive acesso em: 20 de mai. 2024.

ORLNADO, Patterson. **Escravidão e Morte Social: Os elementos Constituintes da escravidão**. Disponível em: Escravidão e Morte Social _ TOAZ.INFO (1).pdf acesso em 20 de jun. 2024.

SARLO, Beatriz, **Tempo Passado, Cultura da memória e guinada subjetiva**. Companhia das Letras, 2005. Disponível em: Beatriz Sarlo.pdf acesso em 13 de mai. 2024.

SILVA, E. **A história contada pelos que voltaram”**: história e memórias indígenas no Nordeste sobre a Guerra do Paraguai, Diálogos (Maringá. Online), v. 19, n.3, p. 1043-1063, set.- dez./2015. Disponível em: 33730-Texto do artigo-151045-1-10-20161008 (1) (1).pdf acesso em: 02 de jun. 2024.



SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. Disponível em: Pré-projeto de mestrado inscrição.pdf acesso em: 18 mai. 2024.

SQUINELO, A. P.; DOCKHORN, V. L. **Oficinas de História:** Temas para o ensino da Guerra do Paraguai-sujeitos, cotidiano e Mato Grosso. Cuiabá, MT, 2021.

SQUINELO, Ana Paula, 150 ANOS DEPOIS: narrativas históricas de jovens, estudante brasileiros/as sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu a partir das aulas de História, **Clio** (Recife. Online), p. 154 Jul-Dez., 2021, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2021.39.2.2>. Acesso em: 09 de ag. 2024.

VARGAS. Vera. **Os Índios Terena e a Guerra contra o Paraguai (1864-1870)**. Londrina, 2005. Disponível em: ANPUH.S23.1593 (1).pdf acesso em: 01 de jun. 2024.